

AMO-TE, Teatro!

“O teatro vive das pessoas. Se nos esquecermos delas, então não há teatro!”. É assim que começa esta conversa informal entre dois velhos amigos que vivem para o mundo artístico em cima de um palco. “Conversas com Rosto” uniu na passada terça-feira, pelas 19h, o emblemático Jorge Listopad e João Mota que foi nomeado recentemente diretor artístico do Teatro Nacional D. Maria II, local onde se deu o encontro.



Algumas pessoas chegaram antes do evento começar para dar “dois dedos de conversa”. A maioria são pessoas mais velhas que apreciam o trabalho de Jorge

Listopad e que não conseguiram regressar a casa, depois de um dia de trabalho, sem antes passar pelo centro de cultura português que é o Teatro Nacional D. Maria II.

São frequentadores habituais desta casa que os acarinha e, como amigos de longa data, conversam sobre as aventuras do fim-de-semana. É hora do convívio: uns falam sobre assuntos triviais, enquanto outros optam por assuntos mais sérios – como acontece no mundo do teatro.

Quando chega a hora, já somos mais de cinquenta. Não são apenas fãs do trabalho de Listopad que estão presentes, mas também amigos, atores e ex-alunos.

Eugénia Vasques, professora e crítica de teatro, ocupa a primeira fila. Foi aluna de Listopad na Escola Superior de Teatro e Cinema (onde atualmente também leciona), quando esta ainda se chamava Conservatório Nacional da Escola de Teatro, na década de 70.

Apesar de ter estudado noutros locais, inclusive no estrangeiro, foi Listopad que a marcou profundamente, de forma única e singular - não só enquanto professor, mas enquanto pessoa. É por essa razão que decidiu estar presente.

Confessa que desde o primeiro dia se apaixonou violentamente pelo seu professor. “Eu amava-o profundamente”.

“O diálogo é sempre muito importante e muito interessante.” João Mota afirma que Jorge Listopad, apesar dos seus 90 anos, é uma pessoa que ouve os outros e que respeita a beleza do diálogo. Um dos objetivos deste encontro foi lembrar pequenas coisas da vida de Listopad para não as deixar cair em esquecimento. “As pequenas coisas são mais importantes do que as grandes.”

Hoje não é dia para falar de teatro. Aliás, Listopad afirma que “o mistério do teatro é destruído quando falamos nele”. Hoje vamos falar e amar este autor e dramaturgo que continua a trabalhar com o seu grande amor da vida - o teatro. “Eu adoro ouvi-lo falar. A poesia habita nele”, diz João Mota.

Eugénia Vasques só depois de terminar a sua formação é que decide contar o que sente por Listopad. Reencontrou-o na rua e, com um golpe

de coragem, diz-lhe que ficou marcada com as suas aulas. Listopad pergunta-lhe se a marca é como a do zorro e Eugénia confirma. “O professor Listopad era tão diferente. Não é estranho... Era diferente porque ele falava connosco do interior de uma língua – não uma língua falada ou sotaque. O sotaque faz parte do seu charme absoluto. Era aquilo que nos dizia, que nos apelava e nos instigava à leitura, à paixão dos textos.” Ainda hoje guarda os preciosos apontamentos dessas aulas, que já foram há mais de 40 anos.



Listopad confessa que viu muitas coisas durante toda a sua vida emergida, quase totalmente, no séc. XX: “Vi regimes, vi quedas de civilizações, de culturas, de política... Portanto, é demais para mim.” Listopad diz que não

quer escrever uma memória da sua vida porque lhe custa lembrar certos momentos.

Nasceu em Praga, onde passou toda a sua infância. Os seus estudos na universidade foram interrompidos devido à invasão nazi, mas acabou por tirar o doutoramento em Filosofia, na Universidade Carolinum de Praga. A sua primeira experiência no Teatro foi aos 18 anos ainda na sua terra natal.

Eugénia conta-nos uma das “marcas de zorro”. As aulas provocavam-lhe um fascínio profundo na leitura de textos, mas as aulas de teatro com Listopad, pela sua intensidade, tornaram-se inesquecíveis. Eugénia era a mais tímida da turma, mas isso modificou-se numa aula de desinibição na sala de espelhos, com toda a turma (que eram mais de trinta pessoas). “Ele era muito bruxo nas aulas de preparação de autor. O professor Listopad começa a falar com aquela voz e eu, que sou tímida e que não gostava particularmente de mim, começo a avançar e começo a despir-me. E ele com aquela sua voz de bruxo...”

Jorge Listopad fugiu para a França onde, aos 24 anos, foi fundador de um jornal de juventude. Devido a pressões políticas sobre o jornal, confessa que a

situação ficou insustentável e acabou por se demitir: “fiquei livre, pobre, em Paris, só, abandonado, com fome”. Mas não tardou a começar a trabalhar em televisão, com uma “escumalha intelectual” que o cansou – a sua paixão é o teatro.

Um dia, devido a um desgosto de amor, foi a um café de turistas que não costumava frequentar. Duas raparigas captaram-lhe a atenção porque falavam uma língua estrangeira. “Eu que sou interessado por línguas tentei decifrar porque entendi que era uma língua europeia. Então ousei perguntar, normalmente não costumo fazer isso, – falar com meninas desconhecidas - se era português ou grego.”

Era português e foi assim que conheceu a sua primeira mulher e acabou por naturalizar-se português em 1962. Listopad brinca: se as raparigas fossem gregas, hoje não estaria aqui. “Hoje em dia, os dois países não são assim tão diferentes”, diz com um sorriso malicioso.

Casou em Paris, onde viveu dez anos e teve gémeas, mas não tardou em vir para Portugal devido às saudades da mulher pela sua terra – Porto. Alugou a sua casa de Paris e isso possibilitou-lhe ter uma vida confortável em Portugal.

Eugénia sente-se nostálgica ao recordar o passado marcante. Listopad ensinou-lhe a fazer exercícios profundos de interiorização, com aquela “voz de cadência e magia de bruxo”. Numa dessas aulas, Eugénia conseguiu ouvir o que Maria Emília Castanheiro estava a pensar. “Foi das experiências mais terríveis da minha vida porque eu ouvia-a chorar pela mãe que eu depois percebi que já tinha morrido.”

Listopad revela que quando chegou a Portugal encontrou pessoas cultas, inteligentes e empreendedoras. Voltou a trabalhar em televisão, devido à insistência de amigos, que estava a desenvolver-se pela primeira vez no Porto – “gostei muito que tivessem insistido porque aquilo foi uma coisa formidável, muito moderno”. Acabou por vir para Lisboa e foi nessa altura que enveredou numa relação mais séria com o teatro e não parou até aos dias de

hoje. A paixão pelo teatro brilha nos seus olhos. “Falar de teatro não é bom. Bom é fazer teatro”.

E é com este sentido de humor apurado que Listopad se despede. Domingo voltaremos a encontrá-lo no mesmo local para falar sobre a sua peça em palco – “Meu Tio Jaguar”. Revela que está a preparar um texto de Shakespeare para encenar em breve e que na 5ª feira vai levar o cachecol de Portugal e da República Checa, enquanto vê o jogo em duas televisões - o seu coração está dividido.

Eugénia Vasques não veio a este encontro para fazer perguntas a Listopad, pois conhece-o demasiado bem. Vem lembrar os velhos tempos e deixar uma marca de zorro na vida do seu professor: “Eu quero fazer uma pública declaração de amor. Sim, eu fiquei com a marca de zorro.”

